



RESISTÊNCIA E PODER FEMININO NEGRO: um diálogo entre Maria Firmina e Cidinha da Silva

Patrícia Luísa N. Rangel¹

Margareth Maura dos Santos²

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a analisar a questão identitária, a representação dentro da sociedade e a relação de pertencimento, que as obras de Maria Firmina dos Reis e Cidinha da Silva abordam. Elas são duas escritoras negras e brasileiras, que nasceram em épocas diferentes e em lugares distintos dentro do Brasil: Maria Firmina dos Reis nasceu em 1822 (século XIX) na capital do estado de Maranhão, São Luís; e Cidinha da Silva, Maria Aparecida da Silva, nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1967 (século XX). No entanto, ambas apresentam uma visão similar com respeito à exclusão da mulher negra e o posicionamento feminino na sociedade.

De acordo com Duke (2016), escritoras jovens dos tempos atuais alinham-se à estética negra do Brasil, tendo como inspiração em escritos anteriores de mulheres negras. Daí a importância de estabelecer um diálogo entre uma escritora de outrora com uma da contemporaneidade, a fim de reafirmar a importância para negras e mulheres negras terem suas representantes. Embora o contexto social e histórico entre Maria Firmina e Cidinha da Silva seja diferente, é possível observar que as ansiedades e críticas por conscientização do valor da mulher negra na sociedade é uma temática atual.

Portanto, considerar as obras dessas duas autoras é mais que reconhecer o potencial feminino, e sim, ouvir as vozes de outras mulheres que foram e são silenciadas. Elas traduzem as angústias, ansiedades, felicidades, conquistas, entre outros sentimentos de um grupo que estão sempre colocadas às sombras dos

¹ Unigranrio. E-mail: patricia1234luisa@gmail.com.

² Univesp. E-mail: marsalomao@hotmail.com.

homens, mas que se utilizam de estratégias de resistência para se posicionarem dentro de uma sociedade patriarcal e machista.

Toda manifestação de resistência literária produzida por mulheres negras está relacionada ao fato de serem invisibilizadas e silenciadas na sociedade, primeiramente, por serem mulheres e depois por serem negras. Nesse sentido, as palavras se tornam instrumentos nas mãos dessas intelectuais, de forma que mobilizam táticas de enfrentamento à dominação, evidenciando a afirmação de uma identidade de gênero e étnica.

2 ESCRITORAS NEGRAS: RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO FEMININO

As mulheres têm conquistado cada vez mais espaços na literatura, que se torna um elemento de resistência e, ao mesmo tempo, um espaço que colabora para o empoderamento feminino, uma vez que as mulheres se veem representadas. Nesse sentido, muitos dos escritos tratam de assuntos relacionados aos direitos das mulheres e questionam a visão patriarcal, rompendo, dessa forma, com uma cultura de inferioridade feminina construída historicamente ao longo dos anos.

Cada grupo ou comunidade elegem seus próprios intelectuais. Através das palavras, esses intelectuais dão significados a vivência dessas mulheres negras na sociedade. Gramsci (1982) comenta que esses intelectuais contribuirão para a unidade e consciência do grupo, tanto com questões sociais como políticas. Segundo Santos (2004), quando o intelectual está em cumplicidade com o seu grupo, não age como se essa classe fosse fechada, mas qualifica seus membros como sujeitos da história.

Assim sendo, as escritoras possuem um papel importante na atuação como intelectuais que agem em prol de grupos de mulheres. Contudo, há um grupo que elege suas representantes, a fim de que elas atuem especificamente para as problemáticas específicas de mulheres negras, uma vez que as brancas apresentam posições diferenciadas na sociedade com relação às negras. Enquanto que as mulheres negras são invisibilizadas, em alguns momentos, ausentes, como é possível observar na mídia, as brancas são referências, afinal, elas ocupam uma condição privilegiada socialmente.

Verifica-se então que a situação da mulher colonizada é pior do que a do homem na mesma situação, de vez que sofre uma dupla colonização, política e de gênero, complementando o pensamento do autor acima mencionado (Bonnici), acrescentamos que pode haver uma situação ainda mais trágica: uma tripla colonização, que se verifica no caso das mulheres afro-descendentes que vivem em países colonizados. Neste caso, além da dominação política e de gênero, verifica-se ainda outra ligada ao fator étnico (NEVES, 2009, p. 49)

Ser escritora e negra no Brasil ainda significa estar invisibilizada. Pode-se citar, como exemplo, a escritora negra Conceição Evaristo (Maria da Conceição Evaristo de Brito). Em entrevista ao site Carta Capital, ao ser perguntada o porquê da demora em ter suas obras publicadas, Evaristo explica a visão da classe intelectual dominante tem com relação à mulher negra que é escritora:

Essa longa espera tem muito a ver com esse imaginário que se faz da mulher negra, que a mulher negra samba muito bem, dança, canta, cozinha, faz o sexo gostoso, cuida do corpo do outro, da casa da madame, dos filhos da madame. Mas reconhecer que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, produzem artes em várias modalidades, o imaginário brasileiro pelo racismo não concebe. Para uma mulher negra ser escritora, é preciso fazer muito carnaval primeiro (CARTA CAPITAL, 2017, ON-LINE).

Conceição Evaristo nasceu, em 1946, na Favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte, em uma família humilde. Migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Conseguiu ter uma carreira acadêmica apreciável, tornando-se Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2011. Em busca do reconhecimento pelo seu conjunto de obras, que tem como destaque o negro e sua cultura, em 2018, candidatou-se à cadeira número 7, que pertencia ao cineasta Nelson Pereira dos Santos, da Academia Brasileira de Letras (ABL). Esse fato houve repercussão na mídia e apoio da sociedade por meio de petição on-line.

Conceição Evaristo seria a primeira escritora negra a fazer parte da ABL. Conforme suas palavras em uma palestra Salão Carioca do Livro, 19 de maio de 2018, “Se eu entrar, não será porque escrevi um ‘Marimbondo’ do Sarney, não [romance que levou o ex-presidente à ABL, em 1980]. Eu quero entrar porque é um lugar nosso, porque temos direito”³. Apesar de toda comoção da sociedade, a escritora recebeu apenas um voto, perdendo para o cineasta Cacá Diegues (Carlos Diegues), que ganhou 22 votos. Logo, é possível inferir acerca da falta de interesse na

³ <https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/>

representatividade de escritoras, em especial, negras, dentro da instituição, bem como valorizar a escrita de quem reafirma a identidade negra.

Pode-se também entender que o ato de se inscrever para a ABL foi uma estratégia de resistência. Conforme Mattelart e Nevéu (2010), “resistência” é um termo que trata de um conflito social, em que a classe marginalizada (colocada à margem da sociedade) tenta alcançar seu reconhecimento social. Assim, as escritoras negras, como Conceição Evaristo, são pessoas que lutam por espaço de direito na sociedade, resistindo ao silenciamento imposto por um grupo que domina na esfera social, cultural e literária.

Com relação as escritoras negras, pode-se destacar duas mulheres que viveram em épocas distintas, mas contribuíram e ainda contribuem, através da escrita, para orientar mulheres, quanto à ecoarem suas vozes e se posicionarem na sociedade. São elas Maria Firmina dos Reis e Cidinha da Silva.

3 MARIA FIRMINA DOS REIS E A MULHER NEGRA NO ROMANCE ABOLICIONISTA “ÚRSULA”

A mestiça Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís, no estado do Maranhão, em 1822. Era filha ilegítima do negro João Pedro Esteves e de Leonor Felipe dos Reis, mulher branca. Vivia em um contexto de preconceitos e limitações, sendo uma delas o fato de ser mulher, de forma que não usava seu nome em seus textos, mas um pseudônimo: Uma Maranhense. Ela produziu seu primeiro romance abolicionista em 1859, *Úrsula*. Trata-se de um livro que estabeleceu críticas à escravidão e humanizava os personagens negros escravizados, mostrando as virtudes destes, uma vez que eram tratados como animais ou objetos.

Maria Firmina é considerada a primeira escritora negra no Brasil. Seu discurso no livro *Úrsula*, nas entrelinhas, era uma fonte de questionamentos sobre a ideologia da sociedade na época. “As obras literárias possuem em seus conteúdos riquíssimas informações sobre uma teia de códigos culturais, convenções e citações” (COSTA, 2007, p.27). Dessa maneira, a escritora também concedeu voz aos personagens negros “excluídos” e “silenciados” para exprimirem seus pensamentos, angústias e sofrimentos.

Na história literária, é a visão do dominador que prevalecia, de forma que eles silenciavam os atores sociais de etnia negra, especialmente, as mulheres. Para denunciar e estabelecer críticas à sociedade, Maria Firmina seguiu os padrões literários da época, reproduzindo as classes sociais existentes no período escravocrata, atendendo, assim, as perspectivas dos intelectuais da época. Segundo Bourdieu (1989, p. 13) “as ideologias devem a sua estrutura e as funções mais específicas às condições sociais da sua produção e da sua circulação, quer dizer, as funções que elas cumprem”.

No livro “Úrsula”, os negros do romance passaram a ser agentes de sua história. E, através da estratégia de resistência, dentre vários personagens, Reis deu voz a uma mulher negra escravizada – Mãe Suzana. A escrava narra o processo de escravidão para o escravo Túlio, desde que os negros foram arrancados de sua terra natal para serem escravizados na nova terra.

— Vou contar-te meu cativo.

Tinha chegado o tempo da colheita e o milho e o inhame e o mendubim eram em abundância nas nossas raças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim eu estava triste, e não sabia, era a primeira vez que em aflicção tão incompreensível pesar [...]

E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava-pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar! (REIS, 1998, p.82).

Ao retomar o passado histórico, Maria Firmina dos Reis, na voz da escrava, coloca a mulher negra no cenário literário. Mãe Suzana recorda da separação de seus familiares e da África e a dor que sentiu e ainda sente ao dizer: “Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava-pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! (...) A dor, que tenho no coração, só a morte poderá apagar! – meu marido, minha filha, minha terra.... minha liberdade” (REIS, 1998, p.82, 119).

Ainda nessa obra, a escrava conversa sobre liberdade com o escravo Túlio, que se anima com a alforria que Tancredo, homem branco, concede, em gratidão pela atenção e amizade que o escravo dispensou a ele. Ela explica que “Liberdade! Liberdade...ah eu a gozei na minha mocidade!” (REIS, 1998, p.115).

–Tu! Tu livre? Ah não me iludas! –exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és já livre?...
– Iludi-la! –respondeu ele, rindo-se de felicidade – e para quê? Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo é hoje livre, livre como o pássaro, como as águas: livre como o éreis na vossa pátria (REIS, 1988, p. 114).

A escrava Suzana é a representação da memória de um passado distante. É através de sua voz que é revelado a questão do tráfico de negros africanos e as condições precárias que se encontravam. É a voz de quem sentiu na pele o sentimento de impotência e de liberdade perdida.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas que se levam para recreio dos potentados da Europa...
Davam-nos água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (REIS, 1988, p. 117).

Dutra (2008) expõe que produções artísticas de autoria de afro-brasileiros não tinham seu reconhecimento desde o período colonial. No entanto, devido às mulheres e negros não saberem ler e escrever (analfabetas) por não frequentarem as escolas, havia uma escassez literária produzida por estes. As histórias e experiências entre os negros ocorriam através da oralidade, em que eram passadas de geração para geração.

No que se refere ao sexo feminino na educação brasileira do século XIX, a exclusão era clara, pois as mesmas não eram incluídas na educação formal ou na vida cultural literária. Ao longo da história, é percebido o número reduzido de mulheres e negros que tiveram acesso à educação formal, e menor ainda os que tiveram seus escritos acessados pelo público leitor (SILVA, ROCHA E RANGEL, 2014, p. 86).

Maria Firmina dos Reis foi uma escritora do século XIX, que engrandeceu as virtudes do negro e evidenciou a mulher negra, como detentora de uma sabedoria e preservadora dos conhecimentos dos ancestrais. Nos tempos atuais, mulheres

negras também expõem seus conhecimentos e sabedorias através da literatura, como Cidinha da Silva.

4 CIDINHA DA SILVA E AS REFLEXÕES ACERCA DAS QUESTÕES ÉTNICAS E DE GÊNERO NA REALIDADE BRASILEIRA

Jovens escritoras negras, conforme expõe Duke (2016), abrem espaços para novas visões e atuações na história e na cultura do Brasil. “O valor, no seu discurso, está na sua capacidade constante de reescrever a história da nação e da mulher, ao seu modo” (p. 13). Cidinha da Silva não silencia, ao abordar em suas escritas, sobre os direitos humanos, as questões de gênero, raça e a intolerância religiosa diante das matrizes africanas.

Seu primeiro livro foi *Cada Tridente em seu lugar* (2006), que dentre várias discussões acerca do negro, traz questionamentos sobre a invisibilidade dos conflitos raciais, conforme o trecho a seguir:

A carta, entretanto, evocou-me outra lembrança. A do poeta que ao me encontrar no cinema com um grupo de alunos, perguntou-me se achava O homem que copiava, um filme adequado para jovens negros.

É lógico que sim, respondi. A seguir discorri sobre o que me parecia ser o cerne da indagação dele. Seria aquele um filme adequado para discutir com estudantes negros a tensão das relações raciais travadas no Brasil? Na trama, um jovem negro, operador de uma máquina de fotocópias se apaixona por uma garota branca, caixa em um supermercado. A história se passa no Rio Grande do Sul, local onde seria pouco provável que aquela relação afetiva não fosse notada como algo fora da norma. É fato, ainda, que o autor escorrega feio ao construir o personagem-pai da mocinha como reacionário, explorador da filha e abusador sexual, mas que, supostamente, não é racista. Afinal é estranho que um homem branco, cujo caráter já foi descrito, não dê importância ao namoro de sua única filha com um negro pobre e sem futuro. Não combina. Entretanto, esta idiossincrasia mesma constitui um grande mote para discussão, pois é mais um dos milhões de exemplos da invisibilização dos conflitos raciais no Brasil.

Mas o filme tem um mérito inegável, talvez único na produção cinematográfica brasileira. O operador da máquina de fotocópias (o homem que copiava) não é um personagem negro, mas é representado por um talentoso ator negro, Lázaro Ramos. Como o homem que copiava não tinha uma marca racial, o "normal" seria que ele fosse representado por qualquer talentoso ator branco. Jorge Furtado, o diretor, subverteu o limitador pressuposto da dramaturgia nacional, de que atores e atrizes negros (quando conseguem algum espaço) devem representar personagens propriamente negros ou papéis subalternos, nos quais "cabe" um negro.

Então, seu poeta, o filme é adequado para discutir a invisibilidade dos conflitos raciais, sim senhor (p. 19, 20).

A partir de 2009, a escritora passou a publicar literatura infantil, como *Os Nove Pentas D'África* (2009), *Kuami* (2011), o *Mar de Manu* (2011), com a preocupação

em reafirmar a identidade negra, principalmente, para as crianças. É uma escritora plural, pois publicou vários livros de gêneros diferentes, romances, literatura infanto-juvenil e crônicas.

Seus livros *Oh, Margem! Reinventa os Rios* (2011) e *Racismo no Brasil e Afetos Correlatos* (2013) tratam da questão de gênero e étnicas no Brasil. No livro *Oh, Margem! Reinventa os Rios*, que possui 31 crônicas, a autora Cidinha da Silva traz à tona suas memórias como trampolim para compor histórias da população brasileira.

Minha avó era chamada de doutora pelos vizinhos. Doutora Mundinha para cima, Doutora Mundinha para baixo. Era solicitação que não acabava mais. [...] minha avó era requisitada para escrever as listas e atendia com gosto: quatro latas de oliu e seis pacotes de banha de porco, para misturar e render o mês todo. três pacotes de cinco quilos de arrois, dez quilos de feijão. Macarrão, assuca, café, farinha de trigo, de tapioca, farinha de povilo, farinha de mio (...) (SILVA, 2011, p.71)

A autora ao usar o termo “doutora” ressalta a importância da sabedoria não-acadêmica, perceptível pelo emprego de palavras “oliu”, “arrois”, “feijão”, “povilo”. Privilegia a variação linguística, como elemento cultural, que possibilita a comunicação e interação entre membros de uma mesma comunidade. Essa variação, tanto geográfica como social, caracteriza uma região ocupada por pessoas pobres, que, na sua maioria, são negros, com pouco acesso à educação, que sofrem com preconceito linguístico e, assim, são discriminados. O interessante é que a personagem poderia ser um homem, no entanto, Cidinha escolhe uma mulher, provavelmente negra, já que faz referência a sua avó.

Outra questão que a autora aborda no seu livro *Oh, Margem! Reinventa os Rios* é a distinção dos papéis de gênero. “Eu não ia ao campo de futebol porque não era coisa de menina e sequer meu pai o frequentava nessa época. Vivíamos a poesia de Reinaldo do sofá de casa” (SILVA, 2011, p.32). O período “porque não era coisa de menina” é uma crítica social ao que é permitido à mulher fazer e o que cabe ao homem, característica de uma sociedade machista e patriarcal. Implicitamente, Cidinha expõe que a visão da sociedade é de que lugar de mulher é em casa por dizer “Vivíamos a poesia de Reinaldo o sofá de **casa**” (*grifo nosso*).

Em *Racismo no Brasil e Afetos Correlatos*, conforme o Blog da Cidinha, há uma reflexão acerca do racismo a partir de três personagens femininas “Laura (Marjorie

Estiano), mocinha branca, filha da vilã, professora idealista e mulher divorciada, melhor amiga da mocinha negra. Constância (Patrícia Pillar), baronesa cruel, saudosa dos tempos escravistas e Isabel (Camila Pitanga), mocinha negra, arrojada, bela, libertária e pertencente a uma comunidade negra”⁴.

O preconceito é aquela concepção interna que uma pessoa carrega e só se torna conhecida quando é externada de alguma forma. Na novela, Albertinho (Rafael Cardoso) tem conhecidos preconceitos raciais contra negros, inclusive seu fetiche por mulheres de melanina acentuada, Isabel, Gilda (Jurema Reis) faz parte do arcabouço de concepções prévias e utilitaristas sobre as mulheres negras. Branca para casar, preta para cozinhar, mulata para fornicar, como diz o velho ditado (SILVA, 2013, ONLINE)

Ainda é considerado a questão da intolerância religiosa de matriz africana. Na novela *Lado a lado*, ocorre um discurso acerca do respeito à mulher religiosa, através da manifestação para libertar da delegacia a mãe de santo e quintandeira negra, Jurema, papel atuado por Zezé Barbosa. Essa dinâmica é outra questão para refletir sobre as relações raciais: até que ponto, realmente se tratou do respeito à mulher negra e/ou da religião? E a questão da intolerância?

Evaristo (2007, p. 20) explica que o “dinamismo próprio do sujeito da escrita proporciona sua auto-inscrição no interior do mundo”, de forma que se tratando de uma prática de mulheres negras, que transitam em diferentes espaços culturais, dominados pelas culturas da elite, escrever se torna uma insubordinação. Logo, escritoras negras que faz uso das palavras estão em um movimento de resistência e empoderamento de si e de outras.

Cidinha da Silva, ao abordar questões de gênero e raciais, traz à tona os anseios das mulheres negras na atualidade. Um ponto importante, dentre vários, da escritora é a abordagem de assuntos do cotidiano e análise de fatos que fazem parte da vivência dos brasileiros. Essa relação com a realidade, como filmes e novelas, conduz a sociedade a visualizar o que muitas vezes passa despercebidos. Portanto, a escrita de Cidinha da Silva é uma proposta de reflexão e crítica da realidade da maioria dos brasileiros, o que pode, como consequência, provocar transformações na sociedade.

⁴ <http://cidinhadasilva.blogspot.com/2013/02/racismo-no-brasil-e-aspectos-correlatos.html>

5 CONCLUSÃO

Assim sendo, as narrativas de Maria Firmina Reis e Cidinha da Silva não são meros discursos narrativos, mas uma estratégia de resistência, a fim de provocar reflexões, promovendo transformações na sociedade. Essas mulheres denunciam e desconstroem estereótipos relacionados às mulheres negras, o que acarretam no empoderamento destas, pois, uma vez consciente de si e de seu papel na sociedade e com a autoestima elevada, valores são ressignificados e a sociedade é passível de transformações.

Os textos de escritoras negras contribuem para afirmação da identidade de grupos que sofrem com a exclusão social. Maria Firmina dos Reis e Cidinha da Silva, através do uso das palavras, elucidaram e ainda o fazem, cada uma ao seu tempo, o papel da mulher negra na sociedade. Elas trabalham em prol dos silenciados pela história oficial, tratando de temáticas que estão relacionadas diretamente a esse grupo. Essas mulheres negras são símbolos de resistência e poder.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARTA CAPITAL. **Conceição Evaristo**: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. 13 de maio de 2017. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>. Acesso em 19.12.2018.

COSTA, Renata J. **Subjetividades femininas**: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 2007.

DUKE, Dawn (org.). **A escritora afro-brasileira**: ativismo e arte literária. Belo Horizonte: Nandyala, 2016

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.) **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia Editora Ltda, 2005.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. Parábola Editorial: 2010.

NEVES, José Eugênio das. Esmeralda Ribeiro e Lima Barreto: um diálogo sem segredos. Terra Roxa e outras terras – **Revista de Estudos Literários**. (Londrina) 17-b (dez), 2009.

REIS, Maria Firmina. **Úrsula**. Coleção Resgate, 1998.

ROSA, Soraia Ribeiro Cassimiro. **Um olhar sobre o romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. MG: UFMT, 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafr/data1/autores/102/mariafirminacritica05.pdf>. Acesso 10.12.2018.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Épuras do Social**: Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo: Global, 2004.

SILVA, Cidinha da. **Oh, margem! Reinventa os rios!**. São Paulo: Selo Povo, 2011.

_____. **Preconceito racial, discriminação e racismo, distinções de letramento**. 12.02.2013. Disponível em <https://www.geledes.org.br/preconceito-racial-discriminacao-e-racismo-distincoes-de-letramento-por-cidinha-da-silva-2/>. Acesso 10.12.2018.

SILVA, Cristina da Conceição; ROCHA, José Geraldo; RANGEL, Patricia Luisa Nogueira. história literária: o olhar de maria firmina dos reis mulher e afrodescendente. **Cadernos do CNLF**, Vol. XVIII, nº 08 – História da literatura e crítica literária. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014.